

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: MOÇAMBIQUE  
26 de Abril de 2024

**FIN** / 2018  
“FIM”

*um filme de* Lara de Sousa

**Realização e Argumento:** Lara de Sousa / **Fotografia:** Guillermo Argueta / **Som:** Maria Alejandra Rojas Garavito / **Montagem:** Lara de Sousa / **Participação:** Camilo de Sousa, Gonzalo Llanares González, Pancha.

**Produção:** Escola Internacional de Cine y Tv – EICTV, Fundación del Nuevo Cine latinoamericano, Cilect (Cuba) / **Produção Executiva:** Rafael Urban / **Cópia:** em DCP, cor e preto e branco, falada em português e legendada em inglês / **Duração:** 15 minutos / **Primeira apresentação pública:** em data não identificada / **Primeira exibição na Cinemateca.**

**SONHÁMOS UM PAÍS** / 2019

*um filme de* Camilo de Sousa e Isabel Noronha

**Realização e Argumento:** Camilo de Sousa, Isabel Noronha / **Imagem:** Lara de Sousa, Ricardo Borges, Isabel Noronha / **Montagem:** Orlando Mesquita, Juliano Castro / **Montagem na finalização:** Patrícia Saramago / **Montagem e mistura de som:** Hugo Leitão / **Música original:** João Costa e João Lima / **Pós-produção:** Sofia Tonicher / **Com:** Camilo de Sousa, Aleixo Caindi, Julião Papalo, etc.

**Produção:** Midas Filmes, Mocik – Cineastas Moçambicanos Associados (Portugal, Moçambique) / **Produção:** Daniele Gallo, Malhatine Matusse / **Produtor:** Pedro Borges / **Cópia:** em DCP, cor e preto e branco, falada em português e legendada em português / **Duração:** 70 minutos / **Primeira apresentação pública:** 19 de Outubro de 2019, Doclisboa 2019 / **Primeira exibição na Cinemateca:** 3 de Novembro de 2022, “Com a Linha de Sombra”.

com a presença dos realizadores Camilo de Sousa e Isabel Noronha

Duração total da projeção: 85 min

---

**Sonhámos um País** é um documentário biográfico sobre Camilo de Sousa realizado pelo próprio e pela sua companheira de há muitos anos, a também cineasta Isabel Noronha. Uma obra dirigida a quatro mãos que conta também com a colaboração da filha de ambos, a mais jovem realizadora Lara de Sousa que, como perceberemos com o avançar do filme, coloca as questões ao pai. Um filme-entrevista – ou “entrevistas”, dado que envolve outros importantes

protagonistas –, que faz esta escolha inteligente, dada a extrema sensibilidade das questões abordadas e a dificuldade da sua transmissão. Na primeira pessoa, Camilo de Sousa conta-nos a sua história em paralelo com a história de uma luta pela independência e dos primórdios da sua constituição de Moçambique enquanto nova-nação. Não se trata de uma narrativa de feitos épicos, mas a história de uma desilusão, e que por isso mesmo tem sido há muito silenciada.

Hoje, a viver em Portugal, Camilo de Sousa regressa a Moçambique para reencontrar dois camaradas de armas – Aleixo Caindi e Julião Papalo –, que conheceu na guerrilha e com quem depois partilhou a direcção do Partido em Cabo Delgado. Período conturbado que precede o seu ingresso no Instituto de Cinema de Moçambique, como aqui nos conta. Como se diz numa nota de produção do filme “Com Aleixo Caindi e Julião Papalo ele rememora tempos antigos, quando a alegria da libertação deu lugar aos tempos negros em que a procura do ‘homem novo’ veio destruir os sonhos e as ilusões de um país...”

Camilo de Sousa conta-nos como teve de deixar Moçambique em 1971, obteve o estatuto de refugiado político na Bélgica, e como aos vinte anos se juntou aos guerrilheiros da FRELIMO. Mas o que começa por ser um filme sobre os movimentos de libertação face ao colonialismo português, depressa se transforma numa análise crítica dos métodos usados pelo novo Estado moçambicano, e do que se seguiu para os denunciar. Membro activo do partido, Camilo de Sousa participou na criação do projecto de cinema móvel extensível a todo o território moçambicano, onde se mostrava o conhecido jornal de actualidades *Kuxa Kanema*, mantendo-se a trabalhar no Instituto Nacional de Cinema até 1991. É no INC, que congregava os futuros cineastas de Moçambique, que desenvolveu a sua principal actividade enquanto realizador no período abrangido pelo filme, tendo a sua carreira cinematográfica ficado posteriormente associada ao trabalho que desenvolveu como produtor e realizador na Ébano Produções, ao lado de Isabel Noronha, que o acompanha deste longa data, mas também de outros companheiros como Licínio de Azevedo ou o seu filho Karl Sousa.

Se toda a sua obra cinematográfica de Camilo de Sousa pode ser descrita como um “cinema da resistência” enformado por preocupações de ordem social, percebemos claramente neste filme o seu porquê. Resistência em primeiro lugar face à privação da liberdade e violência sobre um povo durante o tempo colonial, mas também ao que de mau se implementou depois da independência. Uma história silenciada, como tantas outras histórias, a que muitos começam a dar voz, como antes já o havia feito Isabel Noronha, a co-autora do filme, na forma de uma tese de Doutoramento dedicada a Camilo de Sousa com o título "Tactecendo o Indizível", mais uma peça importante para a compreensão de um complexo processo histórico.

Salienta-se aqui a importância do testemunho oral, que se revela particularmente perturbante quando vários entrevistados descrevem a sua experiência pessoal nos chamados “Campos de Reeducação”, como o de Ruárua descrito por Aleixo Caindi e por Julião Papalo no filme. Espaços de tortura que Camilo filmou e que Samora Machel terá tentado conter em 1981, depois de ter salvo Caindi de Ruárua. Mas igualmente perturbante é a descrição das chamadas “Operações de Produção”, para onde eram enviados todos aqueles que eram considerados improdutivos, entre os quais músicos, prostitutas, ou meros estudantes de liceu. Campos que tiveram uma função determinante no silenciamento, na autocensura e no medo imposto a toda a população, com resultados que se estendem até aos dias de hoje.

Não se trata aqui de um ajuste de contas, mas de uma reflexão desencantada sobre como um movimento revolucionário se transformou num movimento autoritário e moralista com recurso a métodos maquiavélicos. Reflexão difícil vinda de um ex-combatente que se tornou cineasta quando percebeu claramente que “já não estaria a filmar uma revolução, mas como se destruía uma revolução” e que connosco partilha a sua história de vida e a história de um silenciamento político, de recalcamientos e de muitos não-ditos que ameaçam uma democracia ainda muito frágil, e que por isso mesmo devem ser ditos. Não-ditos que, ao serem explicitados com um misto de franqueza e uma simultânea subtileza, continuam a fazer do cinema de Camilo de Sousa e de Isabel Noronha um cinema de intervenção social e política ao serviço do registo da memória de um país. Uma lição de história que ultrapassa em muito a história moçambicana.

Se este texto foi por mim escrito para a primeira passagem do filme na Cinemateca em Novembro de 2022, mostrar agora **Sonhámos um País** precedido por uma curta-metragem de Lara de Sousa que versa também sobre o seu pai e a sobre a história de Moçambique, proporciona-nos inevitavelmente uma série de *raccords*. Intitulado **Fin**, ou “**Fim**”, trata-se de uma obra poética e melancólica que antecipa a longa conversa de Lara de Sousa com o seu pai em **Sonhámos um País**, pois parte das suas perguntas e das respostas já estavam no filme de Lara, um documentário muito pessoal dominado pela vontade de compreender o passado e de colocar todas as perguntas ao pai, antes que pudesse ser demasiado tarde.

Encontramos o mesmo desencanto e a mesma frase marcante de Camilo de Sousa relativa ao momento em que se apercebe de que “já não estaria a filmar uma revolução”, “mas a sua destruição”. Desencanto que é tanto mais agudo se pensarmos que Lara de Sousa pertence já a uma nova geração. Sozinha, numa “varanda imaginária” sobre o Oceano Índico (referenciada como o ponto entre Cuba, para onde partiu para estudar cinema como tantos dos seus conterrâneos, e Moçambique), Lara pensa num país que não reconhece, evocando melancolicamente um espírito vagabundo que atravessa os seus sonhos. Fala-nos de medo, mostra-nos imagens de arquivo das declarações de Samora Machel na noite da declaração da independência, mas também as paredes destruídas dos anos que se seguiram. E, mais uma vez, ficamos face à dificuldade de transmissão de uma história tão complexa.

Joana Ascensão